



Lisboa, 15.3.70

1/5f.

Meu caro Dr. Sarin,

Quero ter validade e peso aqueles alunos que ao TM veio a seu respeito (e a que adiante voltarei), se isso foi suficiente para "escorvar" a intenção que já tinha de me escrever. Com efeito, coloco na tua carta alguns problemas importantes que me parece útil serem discutidos e, se possível, esclarecidos. O valor e o rigor da polémica e dos conceitos, a função "neo-reformista" de uma revista de intelectuais, ciência e ideologia, "o diálogo", etc-etc, tem isto neste país e neste momento — em alguns desses pontos de fundo.

Devo dizer-lhe que a respeito de tudo isto se discutiu áperamente dentro da equipa TM muito antes de vir a aparecer o 1º número (ou a série) e a discussão continua com redobrado vigor agora que já vos alguns números publicados. De facto, parece-me útil desde já esclarecer que a revista se situa (e se situa) em torno de, e como parte de, um "projecto". Em poucas palavras esse projecto consiste na elaboração — no sentido de algo "a construir" — e a pôr permanentemente em questões — de uma "proposta" de análise teórica da sociedade portuguesa que, espantado ao rigor científico que aqueles estatutos lhe impõe (utiliza os termos "teórica", como adiante "ideológica", no sentido althusseriano), tem plena consciência de que a eliminação das interferências ideológicas é tarefa dura que só uma disciplina intelectual, de que talvez ainda os senhores capazes, podem conseguir.

Meu por isso, contudo, e porque o debate ideológico é

necessário e tem a sua função, recusamos esse debate
pelo contrário, damos-lhe um lugar na revista (no sentido
amplo, isto é, que inclui os seus "órgãos de produção": equi-
pas de Trabalho, conselho de redactores, etc.).

Porque a ^{nosso} ~~esta~~ a tem função sistematicamente, mas pela
sua própria natureza, um projecto que tem a apresentar com
o nível rigor o "real social" português nos pode deixar de ser
"nos-reformista" ou, a priori, revolucionário. E ~~por~~ ^{por} assim
seja preciso-me colar um a questões as perguntas em que
"base social ^{actual} ~~pretende~~ apoiar". TM pare, uma classe nos-reformista?": nós
nos vamos, nos pretendemos fezer a verdade. Propomos-nos fazer
o que de mais revolucionário podem fazer intelectuais: por
a um, pelas armas técnicas de que dispomos, a realidade da
necessidade de mudanças no nosso país, ou pelo menos, fornecer

instrumentos de análise para para os leitores a figura ~~de~~ ^{por si mesmos} ~~de~~ ^{3/5 f.}

A empresa é oficial, e os primeiros números desagrada-ros,
de um modo geral. Com efeito, alguns aspectos de que aquele
projecto ~~se~~ ^{exige} ~~está~~ desde que os próprios estudantes internos
do grupo se-ja-rem comprometidos com ela. É indispensável uma
jornada de debate interno, que os textos básicos possam ser
críticos de uma discussão teórica geral. O que não tem que
ver com qualquer forma de auto-censura ou ~~de~~ ^{com} fazer da TM
um órgão de "capelinha". Pelo contrário essa discussão tem
tem por objectivo recusar textos, mas contribuir para um
"enriquecimento" do que nele participa, eventualmente de próprios
textos, e assim a "situar" ^{politicamente} os redactores uns em relação aos
outros - por oposição ao método habitual nos nossos "órgãos"

e seus órgãos de imprensa, onde justamente se procura a ambiguidade
do texto e a confusão em nome de "verdade".

Estes são ainda longe de tudo isto, mas julgo que os primeiros
números da TM já começaram a reflectir um pouco o
resultado das recentes discussões levadas em torno dos primeiros.

Quanto à utilização de palavras que dizem tudo sem querer
dizer nada, como "esquerdista", "socialistas", etc. tem o Dr. Jardim
alguma coisa, mas não vejo o interesse (se fosse possível) de
inventar palavras novas. Além, por exemplo, do que respeito a
"esquerdista", não me parece que a crítica - fazer-lhe-se-ja
- de, desde logo, superior um conhecimento balbuciantes. O pro-
blema está, tal como em "socialistas", num questionário de conteúdo.

É esse, só pôde ser-lhe dada ao ~~facto~~ facto "projecto".
 O facto de se utilizar tais palavras no "declarado de intenção" publicado só pôde significar, na realidade, que à partida os intervenientes, e os seus actos, no clima geral de indefinição e de ambiguidade de que, de qualquer modo, os posteriores fugir só pelo facto de ignorar certas palavras. O "projecto" consistiu exactamente em fazer a clarificação necessária, em manter a confiança no rigor, isto, insistiu sempre, em Portugal e agora.

Pode referir o "atque" de que se sente vítima pela maneira que foi feita de seu nome num artigo de revista. Eu poderia muito simplesmente dizer que o artigo está assinado e, portanto, é o autor o responsável por isso. Deve dizer, contudo, que esse tipo de "insinuações" é, de facto, contrário ao tal "rigor" (us só os textos teóricos, mas igualmente os ideológicos) que pretendemos. Mas se tente de atacar personas ou posições, e nesse aspecto, até se ou no de acordo, pode estar que as críticas às posições representadas por um Vittorio Aguilera, por um José Agustín Sábido, etc. foram feitas de outros modos. Em resumo, deslizar com o tal "insinuações" reflectem o modo usual relativamente descontrolado por que foram feitas as primeiras páginas de revista. O que us por dizer que, dada o nosso projecto se inserir numa "recherche" marxista no-organizativa, us só possível voltar alguma vez a fugir o seu nome nos artigos de revista, por isso us ser esse exactamente o seu linha de pensamento. Mas se isso acontece, de certo acontecerá mais de que uma única

referir a publicação m. se quiser, "inquiritorial".

Portez, em qualquer caso, que continuasse a acompanhar o "percurso" do TM e terá o melhor prazer em manter consigo uma correspondência a esse respeito, se julgar útil fazer as suas críticas.

Um muito abraço. A amigo. etc

1

